



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**Marginalizados *Online*: da Teoria de Luiz Beltrão à Sociedade em Rede<sup>1</sup>**

Anderson Brendo Gomes DUTRA <sup>2</sup>

Flávio Menezes SANTANA <sup>3</sup>

Instituto Camillo Filho, Teresina, PI

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

**Resumo**

O presente estudo aborda as primeiras observações de Luiz Beltrão (1918-1986) a respeito das camadas marginalizadas da população que não vivenciavam a comunicação de maneira efetiva. A partir dessa perspectiva, surge a Folkcomunicação como o estudo dos processos presentes nos meios populares direta ou indiretamente ligados ao folclore. Contudo, após quase cinquenta anos do legado de Beltrão, o cenário contemporâneo possibilita novas formas de expressão dos indivíduos marginalizados, a partir dos desdobramentos da globalização e da comunicação em rede. De modo análogo, pretende-se estabelecer uma discussão acerca da reconfiguração do modo de se comunicar nas comunidades marginais, em que seus membros se tornaram protagonistas.

**Palavras-chave:** Marginalizados; Folkcomunicação; Cultura; Comunicação; Folclore

**Introdução**

A comunicação por muito tempo foi um paradigma no que tange as relações entre emissor e receptor. Diversas teorias movidas por pensamentos influenciados pelo positivismo e pela psicologia behaviorista, acreditavam que os meios de comunicação exerciam poder diante da sociedade, podendo desempenhar seu papel na emissão da mensagem e tornando seu público apenas como passivo.

Nesse contexto, o limiar dos anos cinquenta se referenciou pelos primeiros estudos de temáticas que abordavam as dimensões da comunicação no contexto Latino Americano. Tais observações se pautavam em entender o retorno que a população dava aos meios de comunicação, já que isso avaliaria se os métodos adotados pelos comunicadores eram suficientes para a população em geral.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 3 Folkcomunicação Midiática da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Administração, Instituto Camillo Filho (ICF), Teresina (PI), email: [abdutra@outlook.com](mailto:abdutra@outlook.com).

<sup>3</sup> Mestrando do Curso de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, email: [ms.flaviosantana@hotmail.com](mailto:ms.flaviosantana@hotmail.com)



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Nessa perspectiva, se fortaleceram os laços de dependência entre comunicação e cultura. Se por um lado, cultura se configura como um processo, a comunicação torna-se o meio que concretiza esse processo. Se uma reage, a outra organiza as possibilidades das reações. A partir dessa lógica, questiona-se, se de fato essas relações são efetivadas em um primeiro momento e se abrangiam todos os grupos da sociedade.

Dessa maneira, Luiz Beltrão (1918-1986) classificou a sociedade em diversos grupos, e apontou que em algumas camadas dessa população, alguns deles se caracterizam por seu isolacionismo. Ou seja, a comunicação não era tão efetiva em certas camadas da população. Esse contexto se concretizou efetivamente aos estudos da comunicação quando Beltrão cunhou o termo Folkcomunicação para definir o processo de intercâmbio entre as formas de representação de um povo a partir das influências da cultura de massa.

No entanto, a globalização provocou a abertura de uma comunicação horizontal, expandindo um cenário de consumo de informação ubíquo, atuado por um sujeito individualizado e dotado de conhecimento nos mais diversos âmbitos sociais. Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo discutir sobre posições e ações tomadas pelos grupos marginalizados percebidos por Beltrão em uma sociedade que vive sob efeitos da globalização.

Ainda que este trabalho não dê conta de responder a todos os questionamentos aqui explicitados de forma aprofundada, ele se caracteriza importante por apontar outros possíveis caminhos a partir das discussões aqui apresentadas. Além disso, essa pesquisa dá importância a folkcomunicação que conseguiu acompanhar a dinamicidade da sociedade e ampliar seus espaços para visibilidade da cultura popular.

### **1. Comunicação e cultura: relacionamentos e dependências**

Em uma perspectiva geral, entende-se que a composição da cultura é originada a partir das formas de representação de experiências e interesses, contidos no convívio de determinada comunidade. Sendo assim, os métodos desenvolvidos para subsistência (plantio e caça), manifestações artísticas (músicas, danças, ritos, etc.) e formas de



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

linguagem, correspondem a composição da cultura de um povo, que disseminará estes conhecimentos de forma hereditária, para futuras gerações.

De modo análogo, destaca-se que a produção cultural se estabelece de maneira contínua, haja vista a dinamicidade existente no cenário contemporâneo global, conforme evidencia Gadini (2009, p. 36) ao afirmar que "as ações humanas não se processam de modo (sempre) absolutamente inédito, mas ocorrem em situações históricas que, por sua vez, também são gradualmente transformadas por essas mesmas ações, sejam elas de atores individuais ou coletivos".

Dito isto, com base na afirmativa do autor, avalia-se que as relações que permeiam o cotidiano dos grupos humanos podem ser configuradas como atributos das interações sociais, na qual se concebe significações "comunicadas" pelos atores envolvidos. Deste modo, na concepção de cultura como elemento de estruturação contínua, Gadini (2009) evidencia que o fazer jornalístico dos diários brasileiros também participa dessa construção.

Criam-se, assim, relações de dependências entre os dois termos. Enquanto cultura é o processo, a comunicação é o meio que concretiza esse processo. Enquanto uma reage, a outra organiza as possibilidades dessas reações. No entanto, na visão de Beltrão (2014), a comunicação das instituições de comunicação com os receptores sempre foi um paradigma a ser discutido. Entender o retorno que a população dava aos meios de comunicação era de grande importância, já que isso avaliaria se os métodos adotados pelos comunicadores eram de fato suficientes para a população em geral. Nesse aspecto, o autor tenta por meio de uma abordagem inicial, dar ênfase a um questionamento que foi muito além da simples recepção de mensagens.

Assim, embora a comunicação coletiva seja, tecnicamente, unilateral, os receptores na verdade alimentam o diálogo, utilizando outros meios mecânicos para manifestar a sua reação, que não se reclama seja necessariamente em palavras. Porque a resposta à mensagem, na comunicação coletiva, não é discussão, mas ação (BELTRÃO, 2014, p. 48-49).

Para dar consistência aos seus estudos, Beltrão (2014) argumenta sobre uma sociedade dividida em diversos grupos diferenciados pela sua cultura, etnia e distâncias



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

espaciais e sociais. Esses grupos ou são organizados com missões e interesses, ou simplesmente se distinguem um dos outros.

Pela variedade de grupos existentes, o autor divide a forma de comunicar em dois tipos: comunicação individual e comunicação coletiva. Na primeira, "[...] o comunicador envia mensagem ao receptor que reage, tornando-se comunicador para enviar mensagem de retorno ao primeiro comunicador, tornando receptor, visando outra reação" (BELTRÃO, 2014, p. 48).

Diferente da individual, na comunicação coletiva somente o comunicador exerce a função comunicativa, ou seja, não há reação por parte do receptor. A partir disso, ele percebeu que a resposta neste tipo de comunicação não é uma discussão, e sim uma ação. O público que consome o produto de determinado órgão comunicador, pode dar um feedback, mas não necessariamente em "diálogo".

Partindo desse princípio, Beltrão (2014) cita o isolacionismo existente em alguns grupos, problema que afeta diretamente a comunicação coletiva, já que a mesma necessita que se busque a investigação a respeito dos seus efeitos. Nesse contexto, Beltrão (2014), pontua que:

para cada parcela da comunidade se faz preciso usar uma linguagem especial, adotar um meio adequado, empregar uma técnica distinta, sem o que o diálogo é difícil, senão impossível. Os grupos organizados não entrarão em comunhão com as diversas outras camadas da sociedade, ficando assim privadas da plena obtenção dos seus fins, do cumprimento satisfatório da sua missão, e, por conseguinte, com os seus interesses definidos ameaçados (BELTRÃO, 2014, p. 51).

Percebia-se, então, que o retorno dos receptores era insuficiente para se ter noção dessa avaliação e do quanto o jornal intermediava essa relação comunicador-receptor. Foi a partir dessa perspectiva, que Beltrão (2014) destacou a influência dos meios de comunicação, especificamente em grupos marginalizados, nos quais a comunicação não era tão efetiva. A ponte entre emissor e receptor não era suficiente para explicar as influências que grupos marginalizados recebiam dos meios de comunicação de massa. Para ele



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Os movimentos cívicos, as grandes fases da alteração política e social, desde então, passam a ser iniciativa e realização das elites. O povo, cada dia mais distanciado, mais alheio, como que indiferente e apático (BELTRÃO, 2014, p. 54).

Nesse contexto, se destacavam teorias da comunicação que apontavam o receptor como agente passivo no processo de comunicação. Sousa (2006) explica que diversos autores que eram influenciados pelo positivismo e pela psicologia behaviorista, acreditavam que os meios de comunicação exerciam poder diante da sociedade, podendo desempenhar seu papel na emissão da mensagem e tornando seu público apenas como passivo. Em outras palavras, tais pensamentos justificavam que os receptores eram influenciados pela comunicação de massa.

Através de Paul Felix Lazarsfeld, o começou a investigar a respeito do processo comunicacional que se realizava a partir do comunicador ao líder de opinião e deste ao receptor. Porém, nas comunidades marginalizadas, o processo continuava em cadeias, mediadas por uma série de outros agentes, e não de maneira isolada apenas entre emissor e receptor.

A partir dessa perspectiva, Beltrão (2014) enfatiza que as fases que o país viveu possibilitou que se destacasse ainda mais as distinções sociais, apontando caminhos distantes e tornando ainda mais claro as classes dominantes e populares. Dessa maneira, a dicotomia ético e cultural, distinguindo de um lado uma classe dominante e do outro, uma classe popular composta por uma população rural e urbana marginalizada.

Esses dois momentos de transmissão são percebidos quando Beltrão (2014) constata a existência de dois brasis. O primeiro representa os grupos marginalizados, definido assim como sistema folk. O outro significa o sistema massivo, onde os meios de comunicação de massa utilizam das fontes da cultura popular para se retroalimentar.

### **2. Os grupos marginalizados e a desigualdade social**

A construção da desigualdade social no Brasil teve forte influência do processo colonial. Após o seu descobrimento, as terras brasileiras passaram por longos processos, desde as lutas pela sua conquista, até a colonização e o fim da escravidão. Habitado por



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

grupos, de diversas culturas e principalmente pelo seu habitante inicial (o índio), o Brasil sofreu alguns processos civilizatórios, para se constituir uma nação e ganhar sua própria identidade.

Depois que os escravos deixam de ser mão-de-obra, e como diz o Ortiz (2006), obviamente eles serão considerados pela sociedade como uma segunda categoria. Cria-se assim a necessidade de um novo elemento (uma nova cor) ser levado em conta, fazendo assim os intelectuais e produtores de cultura reavaliassem essa situação.

Barreto (2005) destaca que quinhentos anos depois, o país busca sua identidade a procura de emblemas e símbolos para a decodificação da memória do povo brasileiro, expressa em manifestações variadas de criação, recriação, ou uso repetitivo, como próprios das vivências memoriais.

Dessa forma, os processos que o Brasil sofreu desde o seu descobrimento influenciaram na distinção de grupos e classes sociais. Marques de Melo (2008), a partir da teoria de Luiz Beltrão, apresenta a construção dos grupos marginalizados, originados desde a época de colonização do país e distribuídos principalmente após a abolição da escravatura.

O maior contingente da nossa sociedade era constituído por escravos negros, miseráveis e analfabetos. Sua libertação somente ocorreu no final do século XIX. Abandonados à própria sorte, os remanescentes da escravidão agravaram o êxodo rural, engrossando as comunidades marginais que deram origem às favelas hoje, espalhadas pelos cinturões metropolitanos (MARQUES DE MELO, 2008, p.16).

A caracterização da marginalização veio após a revolução francesa e ganhou força na Revolução Industrial. Esse fato contribuiu para divisão de classes. A primeira se enquadra como as chamadas “camadas superiores”, representadas pela elite do poder econômico e político. E a segunda pelos grupos que condições não tinham, ou até tinham sido negadas,

por sua pobreza, por suas culturas tradicionais, pelo isolacionismo geográfico, rural ou urbano, pelo baixo nível intelectual ou pelo inconformismo ativo e consciente com a filosofia e/ou a estrutura social dominante (BELTRÃO, 1980, 39).



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Demarca-se, dessa forma, um país repleto de tradições e expressões culturais surgidas a partir da sua colonização, a qual reúne elementos indígenas, portugueses e africanos. Mesmo que sua divisão regional não tenha utilizado a cultura como critério, cada uma delas possui características distintas e uma identidade específica que traduz a vivência de um povo.

Barreto (1944), destaca que a comunidade é uma extremidade para a sociedade. Todas elas se diferenciam pelas suas características próprias como feições, ambiências, relações. Dessa forma:

cada comunidade produz sua própria cultura e com ela contacta, interagindo com outras comunidades, adquirindo, mais e mais, formato universal pelas suas referências e símbolos. O folclore tem o poder de reunir as diversas produções comunitárias, dando-lhes a simetria regional e nacional, formando um repertório fiel aos brasileiros (BARRETO, 1944, p. 42).

O folclore, considerado como 'sabedoria popular', se configura através da história vivida por um povo em determinada comunidade ou região. Dentre os mais diversos conceitos existentes, o termo foi conceituado pela primeira vez em uma carta de William John Thoms, em Londres em 1846, a partir da grafia da época conhecida por folk-lore. Folk que significa povo e Lore, saber, ou seja, sabedoria do povo.

Dessa forma, significa dizer que todas as tradições, costumes, lendas e crenças populares são representações do folclore de uma região. Assim, como destaca Benjamin (2007), surgiram características como o anonimato, a transmissão oral, antiguidade que determinavam o fato folclórico. No entanto, muitas delas surgiram por meio de propostas etnocêntricas as quais limitavam o folclore à determinadas práticas e se desfaziam de outras.

Foi a partir dessa perspectiva que folcloristas como Câmara Cascudo, Renato Almeida e Edson Carneiro atribuíram algumas características pertinentes ao fato folclórico através do Carta do Folclore Brasileiro, lida no I Congresso Brasileiro de Folclore em 1951. Contudo, os debates influenciaram na necessidade de uma revisão na Carta. Assim, o VIII Congresso Brasileiro de Folclore, que aconteceu em 1995, lançou um novo conceito mais amplo e elaborado:



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade<sup>4</sup>.

Como diz a Releitura da Carta do Folclore Brasileiro de 1995, “é um meio de aproximação entre os povos e grupos sociais e de afirmação de sua identidade cultural”. O folclore brasileiro representa a identidade do país e está relacionado a sua cultura tradicional.

Diante disso, folclore se destaca pelo seu poder comunicativo de trazer para a contemporaneidade os costumes, os gestos, a forma de viver de um determinado povo em suas respectivas épocas. Dessa forma, tanto a literatura, como a arte, a crença, os ritos, e a medicina, se tonam características dessas camadas sociais, se constituindo como “os seus meios de informação e de expressão continuam ignorados em toda a sua força e verdade. O que impossibilita a comunicação e a comunhão entre o governo e povo, elite e massa” (BELTRÃO, 2014, p. 56).

Diante desta perspectiva, compreende-se que o folclore passou a exercer papel fundamental em meio a cultura popular, considerando que a forma de representação de seu povo proporcionou aos membros das comunidades um novo meio de expressão, e, conseqüentemente, de disseminação de informações, garantindo a estes com que a comunicação fosse efetivada e redirecionada para a realidade vivenciada pelos grupos marginalizados.

### **3. Uma pluralidade de vozes**

Considerando o contexto de constantes evoluções no cenário contemporâneo, no que se refere as diferentes formas de comunicação entre os indivíduos, pode-se dizer que a Internet foi o meio que permitiu pela primeira vez a comunicação entre diversos atores de forma simultânea, numa perspectiva global. De acordo com Castells (2013), a influência desta nova forma de se comunicar em rede transpõe a ideia de número de

---

<sup>4</sup> Carta do folclore brasileiro (re-leitura). Congresso Brasileiro de Folclore (8: 1995 : Salvador), Bahia. Salvador : IBECC, Comissão Nacional do Folclore, 1995. 11p.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

usuários e refere-se também à qualidade do uso, refletindo nas atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais, estruturadas através da Internet, mediada pelo uso dos computadores.

Sendo assim, evidencia-se o fato de que:

como a comunicação é a essência da atividade humana, todos os domínios da vida social estão sendo modificados pelos usos disseminados da Internet. Uma nova forma social, a sociedade de rede, está se constituindo em torno do planeta, embora sob uma diversidade de formas e com consideráveis diferenças em suas consequências para a vida das pessoas, dependendo de história, cultura e instituições (CASTELLS, 2013, p. 225).

Dito isto, destaca-se que com o advento da Internet, inúmeras mídias interativas surgiram criando assim, as comunidades virtuais e uma explosão de liberdade de expressão e abrindo o chamado espaço transparente que modifica as relações humanas. Com base em Recuero (2009, p. 24), compreende-se que essas novas ferramentas viabilizaram com que os atores “pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros”.

De modo complementar, Tripoli (2015) destaca que atores que compõe o ciberespaço interagem e dependem entre si, através de um movimento contínuo de ação, para a efetivação da comunicação, considerando que esta atividade é distribuída em rede, e que esta somente pode ser concretizada a partir da relação de dinamicidade entre os membros. Os atores, portanto, precisam agir mutuamente, pois este processo não pode ser configurado como individual, afetando de diversas formas, cada um de seus participantes.

Castells (2013) reflete que as novas mídias possibilitam uma mudança social. O processo de transformação da comunicação para a era tecnológica possibilitou um redirecionamento horizontal por meio de plataformas em que os usuários podem se apropriar para criar, publicar e compartilhar informações. Dessa forma, esse acesso possibilita que os indivíduos se comuniquem e se utilizem delas para seus interesses.

São essas mesmas mídias que possibilitaram emergir as manifestações sociais que emergiram em junho de 2013, no Brasil, deram início a um debate afim de entender o período que o país vivia e compreender o rumo que ele tomaria dali em diante. A



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

ampliação desses movimentos sociais por meio das redes sócias chamou a atenção de muitos estudiosos e pesquisadores, já que a mobilização ultrapassou fronteiras e garantiu levar às ruas de diversas capitais do país milhares de pessoas. Induzidos pelas desconfianças nas administrações políticas da sociedade, esses grupos se apropriam de novas possibilidades que a revolução da Internet trouxe.

Mesmo que a intensão desta pesquisa não tenha como principal foco os movimentos sociais, é importante aponta-los como grupos que se baseiam em uma única premissa: chamar atenção do poder público a resolver problemas enfrentados na sociedade. Sendo assim, destaca-se a força que a Internet propicia às comunidades populares, desencadeando a transformação de agentes passivos para agentes ativos, dotados da capacidade argumentativa de exprimir suas opiniões, vontades e anseios.

Destaca-se assim, uma avaliação das ações coletivas que a sociedade pratica diante das informações dos meios de comunicação. Em outras palavras, seriam então um retorno a esses meios, conforme evidenciado por Tripoli (2015, p. 46-47), ao afirmar que o cenário o consumo de informação no âmbito contemporâneo se tornou ubíquo, em que “é possível tanto produzir quanto consumir informação independentemente dos meios tradicionais a qualquer tempo, em qualquer lugar. Isso também qualificou o usuário como crítico, ágil, capaz de sugerir, reivindicar, criticar ou elogiar de maneira muito rápida”.

Para Lemos e Lévy (2010) não há uma disputa entre o poder das mídias massivas e uma rebelião dos movimentos sociais por meio dos novos dispositivos, mas sim uma mudança nas práticas da sociedade possibilitando aos indivíduos o controle, intervenção e organização política. As pessoas mesmo sem se conhecerem podem se aliar a um mesmo propósito através da comunicação realizada pela rede de acesso tanto pelo celular quanto pelo computador.

Atualmente pesquisas apontam um crescimento exponencial no número de usuário da Internet. Em 2016 por exemplo, o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - CETIC<sup>5</sup>, divulgou que o número de

---

<sup>5</sup> Estudo divulgado em setembro de 2016 foi realizado pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), e pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), no qual entrevistas pessoais com abordagem face-a-face registrou informações sobre o acesso e os hábitos da população brasileira em relação às



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

usuários da comunicação informatizada aumentou em relação ao anos anteriores. Segundo os dados da 11ª edição da pesquisa TIC Domicílios 2015, 58% da população (mais da metade dos brasileiros) estão conectados à Internet - representando 102 milhões de internautas - um grande avanço já que em 2008 esse percentual era de apenas 34%.

Em consideração ao avanço significativo de acesso à Internet, Lemos e Lévy (2010) destacam que a aceleração das respostas gratuitamente e quase imediatamente em tempo real possibilita uma aprendizagem coletiva por meio da colaboração em rede.

A sociedade que usufrui dessas tecnologias está diante de um vasto campo de informações de uma maneira extremamente rápida, interligadas a uma conexão mundial entre computadores e Internet no qual Lemos e Lévy (2010) definem de ciberespaço. Essas redes possibilitam que os seus envolvidos possam criar e compartilhar informações sem nenhuma restrição, de ‘muitos para muitos em um espaço descentralizado’.

Cada vez mais as pessoas têm ideias originais e cooperam para comunica-las, avalia-las, testa-las, realiza-las. Desde que uma ideia é concebida, ela torna-se pública, ela entra em competição cooperativa no ciberespaço com outras ideias e começa, eventualmente, a tomar corpo em um documento, um software, um produto, um blog, uma empresa, uma organização, uma comunidade virtual ou uma rede (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 44).

Agora conectado a um computador ou *smartphone* os usuários podem se conectar à Internet e ter acesso a rádio, televisão, jornais além do que a *web* já proporciona como *wikis*, *blogs*, *microblogs*, *softwares* sociais. Sozinho, o indivíduo pode desenvolver suas competências, e de fato as tecnologias possibilitam a construção de conhecimento e crescimento profissional, o que Lemos e Lévy (2010) definem como função pós-massiva.

[...] caracterizam-se por abertura do fluxo informacional, pela liberação da emissão e pela transversalidade e personalização do consumo da informação. Elas permitem não só a produção livre, mas também a circulação aberta e cooperativa dos produtos informacionais (sons, textos, imagens, programas) (*ibidem*, p. 48-49)

---

tecnologias de informação e de comunicação em 23.465 domicílios em todo o território nacional, no período de novembro de 2015 a junho de 2016.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Porém, com as grandes possibilidades da Internet e o desenvolvimento dos celulares, cria-se a comunicação pessoal. “O que se constitui essa nova “comunicação pessoal” é o controle individual e a partilha coletiva de informação em mobilidade com alcance planetário” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 71).

Na perspectiva da liberdade, é preciso aceitar que agora com esses avanços, todos os indivíduos têm responsabilidades e que para assumi-las é necessário praticar. Cabe à Internet não apenas permitir um leque de novas possibilidades, como manter uma igualdade entre os seus produtores, já que em uma sociedade democrática todos necessitam ser ouvidos e vistos.

### **Considerações finais**

Com base no exposto, percebe-se os efeitos originados a partir dos avanços tecnológicos, especificamente através da inserção da Internet e da comunicação entre redes, os indivíduos que estavam inseridos em camadas marginalizadas de acordo com a percepção de Beltrão (2014) puderam garantir vozes diante do cenário de desigualdade em que ocupam. Sendo assim, indica-se que esta transformação viabilizou além de novas formas de se comunicar, maior horizontalidade no processo comunicativo, garantindo maior engajamento e disseminação de informações em um ambiente menos centralizado. Essas mudanças causadas no tempo e no espaço, trouxeram novas possibilidades.

Desta forma, indica-se que o uso das redes pelos membros das comunidades pode ser compreendido como meio de "resistência" deste grupo, tendo em vista sua capacidade de permitir a efetivação da participação dos atores no ciberespaço. De modo análogo, entende-se que por intermédio da instantaneidade da informação, a relação entre local e global torna-se notória, influenciando na construção de novas formas de aproximação entre o eixo comunicação e cultura, ultrapassando as próprias fronteiras locais, prevalecendo o sentimento de cooperação e de integração. Nesse contexto, percebe-se que os usuários online podem adquirir conhecimentos fora dos seus territórios tendo acesso a novas línguas e culturas diferentes sem sair de casa ampliando seus conhecimentos do mundo externo.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Com base em Beltrão (2014), posto que as comunidades possuam características identitárias particulares de cada grupo, estas se vinculam mediante a compatibilidade de ideias e propósitos equivalentes, propiciando o intercâmbio de informações, sentimentos, experiência e conhecimento. É a partir desta concepção que os atores assumem função de protagonistas para ressignificarem o panorama cultura no qual estão inseridos, reagindo as movimentações apresentadas pelos meios de comunicação. Dessa forma, presume-se que a medida que o sujeito recebe realidades diferentes, ele se modifica e consequentemente modifica também suas ações e práticas sociais.

Conclui-se, então, que a folkcomunicação pode ser inserida muito além da perspectiva de perceber apenas as manifestações culturais, como também dá conta de entender, perceber e auxiliar nas mudanças de uma sociedade globalizada. É válido ressaltar que esta discussão entorno da globalização como elemento de disseminação da cultura popular, bem como meio facilitador para a criação de novas “vozes” aos indivíduos marginalizados é um assunto abrangente e complexo, dando margem para suscitar novos estudos acerca do tema posto em análise.

### REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antônio. **Um novo entendimento do Folclore e outras abordagens culturais**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

\_\_\_\_\_. **Folclore: Invenção e Comunicação**. Aracaju: Typografia Editorial / Scortecchi Editora, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre, EDIPUCRS & FAMECOS, 2014.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto Emerson. Folclore. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Org.). **Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro.** São Paulo: Paulus, 2009.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** 3. reimpr. São Paulo, SP: Paulus, 2014.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação.** São Paulo: Paulus, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 5. Ed., 7ª reimpressão - São Paulo: Brasiliense, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media.** Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2006.

TRIPOLI, Marcelo. **Meaningful Marketing: como uma marca pode ter significado na vida das pessoas.** Joinville, SC: Clube de Autores, 2015.